

Quem é que manda aqui?

O jogo de erotismo e poder em contos de Dalton Trevisan

p. 26 - 35

Jociléia Alves Gomes ¹

Mariana Sbaraini Cordeiro ²

Resumo

Neste artigo discutir-se-á a respeito de um tema polêmico e que ainda há muito a se dizer sobre na academia – o erotismo - visto que foi durante um considerável período reprimido, sendo suas representações consideradas obscenas. Seu processo de liberação iniciou-se no século XX, verificando-se sua presença constante em textos pós-modernos, inclusive na escrita de Dalton Trevisan. Portanto, este estudo procura analisar alguns contos desse escritor paranaense, identificando temas provenientes de uma literatura reprimida, como o erotismo, a sexualidade e suas relações de poder.

Palavras-chave: Dalton Trevisan, erotismo, poder.

Abstract

This article will discuss about a controversial topic and there is still much to be said about it - the erotic - since it was repressed for a considerable period, and its representation considered obscene. It began to be released in the twentieth century, when it was possible to see it constantly in postmodern texts, including the writing of Dalton Trevisan. Therefore, this study seeks to analyze some of his short stories, identifying themes from a literature suppressed, as eroticism, sexuality and its power relations

Keywords: Dalton Trevisan; eroticism; power.

“O que não me contam, eu escuto atrás das portas. O que não sei, adivinho e, com sorte, você adivinha sempre o que, cedo ou tarde, acaba acontecendo”.
(Dalton Trevisan)

A década de 1960 foi um fervilhar de ideias em todo o mundo marcada por grandes revoluções que marcaram a década do pensamento e das conquistas. Mas foi também a década de insurreições políticas. O Brasil foi especialmente marcado pela tomada do poder pelos militares no início de tal decênio, o que refletirá nas décadas

seguintes muito do que aconteceu naquele período.

A produção artística, especialmente “afetada” pelas atrocidades da ditadura militar, transparece nervosa e compulsivamente no cenário brasileiro. Movimento marcado pelo autoritarismo, dita muito bem como o poder ordena as novas formas de se relacionar do sujeito. Ronaldo Lins em *Literatura e violência* afirma que “[...] sempre que há uma importante revolução social, identificou no sexo um inimigo da ordem [...]” (1990, p.57). Esse inimigo da ordem aparecerá

1. Especialista em Educação Especial:Área da Surdez pela Faculdade Integradas do Vale do Ivaí. E-mail: jocileia_gomes@hotmail.com

2. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: marianasbaraini@hotmail.com

de forma emblemática na literatura brasileira com explosões de sexualidade que refletem uma produção artística que parecia tão austera e rígida apresentara temas e características “[...] que até então só se aceitava como obra de segunda. A explosão de sexualidade aponta, segundo todas as indicações, para a liberdade, na medida em que, também ela, se exerce contra determinado estado intenso de repressão” (LINS, 1990, p.57).

A relação de poder permeada pelo erotismo não é restrita à relação homem (dominante) sobre a mulher (dominada), mas tal relação é a que mais se evidencia. A literatura demonstra como o poder autoritário de governo age indiscriminadamente sobre as relações dos indivíduos. Faz parte do nosso legado histórico o poder do macho dominante desde a nossa colonização, passando pelo sistema patriarcal, até nossos dias. O que ocorre de forma inusitada em nossa tradição é que a partir da década de 1980 tais relações não precisaram mais ser abafadas, pelo contrário, elas vieram à tona com força total. Tal década marca a libertação do sujeito aprisionado, primeiramente pelo recente sistema de governo e neste caso incluem-se homens e mulheres, mas também vem revelar um anseio por liberdade escondido – as mulheres suprimidas da nossa sociedade. Claro que tal característica não fica restrita ao nosso país, uma vez que os movimentos feministas já apareciam em outros contextos.

Conhecida como a década do corpo, 1980 marcou uma demonstração total de liberdade do sujeito que fazia com o seu corpo o que bem entendia. O corpo como propriedade mais do que exclusiva do indivíduo pode ser símbolo da liberdade contra qualquer sistema. Devido a isso, o erotismo esteve “à flor da pele” na produção literária brasileira desse período. Ânsia reprimida e liberada depois de muita repressão encontra agora o seu apogeu. É no início dessa década que a “[...] literatura conflui para uma

objetiva intencionalidade, ou seja, a focalização dos problemas que a sociedade brasileira veio a enfrentar após período de repressão por que passou” (FRANCONI, 1997, p.15). A partir de então, a literatura começa a tomar novo rumo, em prol da liberdade de expressão.

Passado então o período da repressão em que os valores de uma cultura eram violentamente reprimidos, o momento agora propicia maior liberdade das formas literárias. Devido a isso, o erotismo começa a aparecer com maior frequência, possibilitando analisar nos discursos eróticos, os conceitos de perversão e transgressão. Pode-se dizer então, que a narrativa desse período tem se preocupado em desenvolver o que não aparece claro, procuram mostrar os problemas que afligem o homem e, em particular, o brasileiro.

Neste sentido, o retrato das perversões é a pedra de toque no processo de conscientização que a literatura tem proposto. A paródia, a sátira e o deboche situam-se, assim, nessa área da relação erotismo e poder, colorindo, como é próprio dessas formas, as aberrações sexuais, as taras e o descabro de ditadores, torturadores [...], enfim, um formidável painel de personagens do nosso cotidiano [...] (FRANCONI, 1997, p.174).

Para compreender melhor esse traço do erotismo na literatura, tomemos as idéias de Afrânio Coutinho (1978, p. 15), o qual coloca a ficção como um reflexo da realidade, dessa forma, “[...] se o fim da obra de arte é o conhecimento mais completo do homem, da natureza humana, não se pode omitir o lado erótico, muitas vezes absorvente e determinante de todo o comportamento do indivíduo”.

Afirma-se que em todas as épocas existiu interesse humano pelas práticas e representações sexuais, mas o interesse do público não foi suficiente para enobrecer o tema ocorrendo restrições significativas a partir da metade do século XVIII. Assim, essa representação erótica ficou conhecida como algo não sério, refugiando-se nos textos implicitamente. Mas, apesar dessas

restrições, o interesse do público é constante, assim os meios midiáticos investem nesses saberes sobre o sexo, como se observa no sucesso alcançado por produtos de tal temática. “Recentemente, nas décadas de 60, 70 e 80, livros, artigos e debates sobre o sexo vêm agitando o pequeno público leitor e provocando, entre as pessoas, discussões esquentadas” (DURIGAN, 1985, p.16).

As criações eróticas encontram em seu caminho a tomada de poder pelos militares na década de 1960 e, como consequência, foram proibidas pela censura que coibia a produção de novas representações eróticas. Porém, isso não impediu a proliferação de periódicos que tratassem do assunto. A alegação mais constante adotada pela censura nesse processo é o de que tais textos eram obscenos, e uma vez que “[...] o obsceno sempre esteve relacionado com uma dinâmica de interdição e transgressão, constituindo-se no produto de um desafio àquilo que é condenado pela moralidade” (SIMON, 2002, p. 04) tais textos deveriam a todo custo ser suprimidos.

Toda produção que estivesse sob o véu da sexualidade vinha desde o século XIX passando por um período de encarceramento. O que não impediu que nessa época se proliferasse textos exibindo corpos nus e “perversões” de todo o tipo (BRANCO, 1987, p. 53). Contudo, foi no século XX que ocorreu o início do processo de liberação. No Brasil, a censura institucionalizou-se, passando a agir de forma diferente, “[...] jornais, revistas, filmes, livros e peças teatrais foram brutalmente recolhidas de bancas e livrarias ou tiradas de circulação” (DURIGAN, 1985, p. 25).

Segundo Ronaldo Lima Lins (1990), houve uma época em que a presença da sexualidade em textos literários levava o público a refletir sobre determinado momento histórico, representando um ideal de liberdade, bem como, contestando determinados regimes de opressão. Porém, em outras ocasiões, a questão de sexo e sua abordagem

passaram a ser vistas como uma literatura clandestina, proibida; mas que não deixou de ser lida.

Essa contenção sexual, como demonstra Freud, realizou-se como uma forma de controle, um equilíbrio da própria comunidade (LINS, 1990). Dessa forma, esse sistema de repressão contra a sexualidade viola o indivíduo quanto ao seu nível de desejo. Aceitando-se a idéia da transgressão, como uma área escolhida para o exercício da rebeldia e da violência contra o sexo. É nesse âmbito que se situam as relações entre sexualidade e poder, como afirma Foucault: “Se o sexo é reprimido, isto é, condenado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o único fato de se falar sobre o assunto e de falar de sua repressão, adquire uma aragem de transgressão deliberada” (FOUCAULT, apud LINS, 1990, p. 62).

Verifica-se, então, a presença do tema cada vez mais frequente no âmbito do discurso atual, presente nas narrativas literárias. Ocorrendo ao que tudo indica a liberação da sexualidade, tirando-a da “prisão” lançada pelo puritanismo e pela moral cristã. Assumindo um papel diferente não mais de denúncia, mas referindo-se a outros pontos de referência, como afirma Lins: “A sexualidade diminui de importância e ressaltam outros aspectos das obras em questão, mais ligados à essência das angústias existenciais do homem” (LINS, 1990, p. 65).

A obscenidade é vista como uma tendência contemporânea, que procura transpor espaços restritos como forma de exposição, neste sentido, as imagens cinematográficas cumprem seu papel.

Para Baudrillard, a obscenidade extrapola a sexualidade, invadindo as estratégias através das quais os meios de comunicação veiculam informação. O excesso de informações acompanha a expectativa de tornar tudo absolutamente transparente, sem que isso signifique um apego à noção de verdade (apud SIMON, 2002, p. 5).

Seguindo a trajetória da modernidade e o

contexto das transformações políticas e sociais, percebeu-se um aceleramento da diversificação e da pluralização dos textos eróticos (DURIGAN, 1985). Existindo atualmente um grande número de obras eróticas, desde contos, romances; até, títulos de revistas, filmes, entre outras. Porém, costuma-se confundir erotismo com pornografia. Erotismo teria o caráter de lirismo amoroso, sensual. Enquanto que a pornografia trataria de coisas ou assuntos obscenos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo.

Sob o rótulo de erótico estão abrigadas àquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor 'nobre', 'humano', 'artístico', problematizando-os com 'dignidade' estética, e de pornográfico as de caráter 'grosseiro e vulgar', que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos (ABREU, apud SIMON, 2002, p. 4).

Lucia Castello Branco (1987) também ressalta, com o surgimento da indústria cultural, essa distinção entre obras eróticas e obras pornográficas. Eróticas, passam a ser consideradas as obras de arte que abordam temas direta ou indiretamente vinculados à sexualidade. Pornográficas, as obras sobre sexo que priorizem a comercialização. "Etimologicamente, erótico provém de *erotikós* (relativo ao amor) e deriva de Eros, o deus do amor dos gregos - cupidos entre os romanos" (DURIGAN, 1985, p. 30).

Segundo Octávio Paz, "[...] não há diferença essencial entre erotismo e sexualidade: o erotismo é sexualidade socializada, submetida às necessidades do grupo, força vital expropriada pela sociedade" (apud FRANCONI, 1997, p. 37). De forma que o texto erótico assume a característica de afastar o leitor, mas ao mesmo tempo possibilita a ele captar um saber sobre o prazer.

Apesar de ainda haver repressões, verifica-se atualmente um aumento de interesses por textos eróticos. Muitos textos de autores brasileiros contemporâneos se constroem a partir

de representações eróticas, de forma que o erótico faça parte da linguagem de forma mais recorrente. Em relação ao discurso da sexualidade no século XIX, Michel Foucault articula esse período em torno de dois eixos fundamentais: o prazer e o poder.

Ao mesmo tempo que, por detrás de objetivos explicitamente clínicos, esse discurso esconde estratégias de poder, exercícios de controle e repressão da sexualidade, ele coloca em jogo formas camufladas de prazer, já que ao menos através de um jargão científico e sob a roupagem de doentes ou médicos, autores e leitores poderiam enfim explorar seus desejos proibidos (apud BRANCO, 1987, p.54).

Em muitos textos evidencia-se a atuação de um personagem sobre outro, na forma de dominação, de superioridade. Essa ação pode se situar em um discurso erótico, uma vez que é estabelecida a relação entre erotismo e poder. Considerando nas relações humanas uma análise de poder, verifica-se uma vasta aplicação em todas as situações, de modo que para a sua atuação são necessárias duas unidades:

[...] as de controle - C e as de resposta - R. O poder somente poderá ser exercido de C sobre R se ambos desempenham as funções esperadas. Entendendo a relação erótica como uma mensagem efetuada entre E - emissor e R - receptor, da mesma forma não se efetuará o processo se um dos elementos não compreender o código (FRANCONI, 1997, p. 28).

Aquela década de 1960 evidenciada pela revolução sexual aparece agora nas histórias em um cenário predominantemente urbano e muito erotizado. Os contos de Dalton Trevisan produzidos no final da década de 1960 – *Desastres do Amor: contos* (1968) e *Guerra conjugal* (1969) – já atuavam como precursores de uma tônica futura. Esses reflexos são essenciais para a composição de personagens que contêm todas as características desse novo paradigma

literário. O sujeito pós-moderno, representado pelas suas personagens femininas, mostra bem o esvaziamento e a fragmentação do sujeito. Entre seus personagens, a mulher tem um lugar de destaque, estando presente em sua obra e sendo imprescindível para o desenrolar de todos os outros personagens. O estudo do papel das personagens femininas de Dalton Trevisan é de grande importância e fundamental para a compreensão de sua obra. O autor concebe suas “mulheres” perseguindo o amor, sensualidade, seu sonho, suas impossibilidades utópicas, inseridas em um painel político-social dos anos sessenta e fruto dele nas duas décadas seguintes. Sua narrativa é um documento do homem e da mulher em um mundo marcado pela utopia e pelo delírio. A mulher usada, reutilizada, massacrada, o cotidiano e a cidade determinando suas ações, a pequenez e a mediocridade que a circundam, mulher espantada com o golpe militar, indecisão, indefinição, niilismo total que tomou conta das pessoas, atos institucionais, amordaçamento, censura, repressão, estrutura fragmentária, sonho, dificuldade do sonho, perseguição das utopias, do amor, do sensualismo, da mulher objeto, da confusão ideológica, da derrota e, sobretudo, da esperança.

No conto “Anjo da Perdição” retirado do livro *A Guerra Conjugal* é relatado o que ocorre em mais um dos encontros entre uma moça dita honesta - que estava noiva de um sargento - com o doutor João, em seu consultório. O desenrolar da trama revela uma relação de adultério, pois o doutor era casado e tinha duas filhas. O médico aproveita a sua situação aparentemente superior para ter mais um caso amoroso. O que para ele seria mais uma aventura, para ela não. Ao se referir o tempo todo ao médico como “doutor” ela se coloca em uma posição inferior. “_ Para mim o senhor é o doutor João” (p.79).

No conto “Cafezinho com Sonho”, a mesma

aparente relação de poder é observada entre o doutor em relação à dona Laura “_ Sou pobre mulher, o senhor é um doutor!” (p.128). Observa-se nessa narrativa, uma relação suspeita de amizade entre um homem social e economicamente superior – doutor Osiris – e a empregada dona Laura. Por entre conversas durante o seu lanche, cafezinho com sonho trazidos por ela, o doutor aproxima-se a ponto de tocá-la e beijá-la. Dona Laura em maior parte do conto não demonstra desinteresse ou constrangimento quanto ao palavreado erótico e sedutor do doutor, somente quando ele lhe toca é que ela sente medo de ser vista. Dona Laura aparentemente uma senhora frágil que estaria sendo abusada pelo seu patrão é denunciada pelo narrador:

_ O doutor faz pouco de mim (um tanto afogueada, arzinho desafiante de riso – essa já perdeu o respeito).

_ Machucou o dedinho? (a mão estendida para apanhar a xícara). Deixa ver.

_ Cuidado, doutor. A porta aberta... Ai, doutor, se alguém vê?” (p.127).

O comentário do narrador apresenta uma mulher não tão ingênua assim, mulher que sabia o que estava para lhe acontecer. Seu ar de submissa na verdade esconde uma mulher que sabe o que quer e como conseguir: deixar que o médico/homem pensar que esta no controle da situação. Enquanto ele pergunta sobre o seu relacionamento com o marido, ela se deixa seduzir:

[...] Será que vão me tirar daqui, Osiris?

_ Não tem perigo, minha filha.

_ Devo tudo ao doutor. Até vergonha de pedir. Difícil um lugar para o meu marido? Precisa tanto, coitado. Quando não bebe é muito trabalhador.

_ Não prometo, Laura. Tem que ser boazinha, olhe lá (p.128).

“Mocinha de Luto” a história de uma moça chamada Maria, que ao suspeitar estar grávida propõe ao namorado João casarem-se, mas ele não aceita e a abandona. Após o enterro de

sua mãe, motivo pelo qual se vestia de preto, foi informada de que João iria se casar com outra, ela decidiu procurar seus direitos. Foi até o escritório de um advogado de confiança, a fim de verificar se existia algum jeito de impedir tal casamento, mas Artigo de lei não existe para isso, só lhes restaria uma indenização civil por quebra de promessa, afirmou o advogado. Ela triste e desorientada começa a se lamentar ao doutor e ele a se insinuar para ela, dizendo que ela precisava de um homem experiente, atencioso, de respeito.

_ João não serve. O convento não serve. Peço um conselho e o doutor não dá. Quer que me entregue ao primeiro homem na rua?

_ Não, Mariazinha. Você merece o carinho de um senhor atencioso, experiente, de certa idade... (p. 28).

No momento da despedida, ele acaricia os cabelos de Maria, ela não se controla e acaba beijando-o furiosamente. Arrepentida dos agarramentos pede seriamente ao doutor que nunca conte o ocorrido para alguém. Narrado em terceira pessoa, o conto apresenta um discurso predominantemente indireto livre. O conflito acontece em um escritório, num curto período de tempo, mas o protagonista utiliza digressões a fim de adiar o clímax dramático.

Analisando esses três contos percebe-se certa aproximação ou semelhança quanto ao conteúdo narrativo, pois a ação concentra-se em um só espaço; ocorre entre apenas dois personagens, sendo que a mulher se deixa seduzir (aparentemente) e o homem mostra-se superior sendo chamado de doutor. Tratam de uma relação amorosa/erótica entre uma jovem e um homem mais velho e experiente, que seduzidas pela conversa entregam-se aos encantos masculinos. Outro fator é a forma como os homens se referem às “amantes”. Colocam-se numa posição de pessoa mais velha, mais experiente, tentam passar uma falsa segurança de controle da situação chamando

as mulheres de “filha” a fim de convencê-las do seu caráter bonzinho, carinhoso, para que se deixassem ser seduzidas.

_ Não tem perigo, minha filha (Cafezinho com Sonho, p.128).

[...] Meu carinho por você é de pai (Anjo da Perdição, p.73).

_ Queria que o senhor fosse um pai para mim.

_ Pai, não. Sou um homem inteiro (Anjo da Perdição, p. 76).

_ Bobagem, minha filha (Mocinha de Luto, p. 25).

Tons de erotismo também são encontrados nos títulos dos contos. Ao lê-los a suspeita se confirma:

_ Com licença, doutor?

_ Pode entrar, dona Laura.

_ O cafezinho com sonho? (p.124)

_ Bom o sonho?

_ Bem bom. Com creme, como eu gosto (limpa no dorso da mão o açúcar em volta da boca). É servida, dona Laura? (p.125).

_Mais um cafezinho, doutor? Desculpe, uma pinta de açúcar no nariz.

_Pode ir, dona Laura.

Conduz a bandeja com as duas mãos e, diante da porta, passa-a para a esquerda. Antes de girar a maçaneta, sorri:

_Amanhã o sonho com creme ou goiabada?

_Com creme – e atira um beijo na ponta dos dedos, só quero saber se está me fazendo de bobo (p. 128).

A pergunta de D. Laura revela a sua condição de também dominadora da situação. Há todo um jogo de sensualidade e erotismo no diálogo trocado entre os dois. O sonho com creme acaba assumindo uma conotação erótica a partir da ação do doutor de limpar a boca com a mão.

No conto “Mocinha de Luto”, o título relaciona-se ao fato da moça sempre se vestir de preto desde a morte de sua mãe. Uma imagem de “alguém” que precisa de consolo cria expectativas nos homens a ponto de ser muito assediada, sendo

que ela mesma admite esses interesses.

_Deve ser muito assediada pelos homens.

_Ainda mais de preto.

_O preto lhe assenta bem.

_É luto... De minha mãe (p. 23).

“Mocinha” é empregada com a finalidade de realçar a figura feminina como uma jovem ainda virgem, intocada, mas que na realidade com vinte e três anos relacionava-se com um homem de quarenta, João, se entregando a ele várias vezes até ele abandoná-la. O uso frequente do diminutivo pelo homem denota um discurso com o intuito de convencer, persuadir a “mocinha: Mariazinha, menininha, vermelhinha, risinho, beicinho, espelinho, pintinha, sapatinho, engraçadinha, bonitinha, e outras. Também é possível perceber a relação de erotismo e poder aqui. A personagem Maria declara que usa preto para ser assediada pelos homens. A ideia do luto também revela um fetiche – a mulher carente e sem marido para consolá-la expõe aos que lhe cercam esse interesse.

Ergue-se para despedi-la, caminha na direção da porta. A seu lado, em último adeus roça o longo cabelo castanho.

Maria vira-se rápida, cinge-lhe os braços no pescoço, beijá-o furiosa na boca. Surpreso, afasta o braço, com o cigarro na mão. Beijo guloso, metade sofrido, metade mordido – cai o cigarro aceso no tapete. Ela rilha o dente, esfrega-se toda, insinua a mão sob a camisa: um botão espirra longe (p.29 e 30).

“Anjo da Perdição” é um título que também faz referência a alguns aspectos da narrativa. A utilização constante do termo “anjo” pelo personagem masculino ao se referir à personagem feminina, demonstra uma forma de carinho a fim de persuadi-la:

_O doutor é assim carinhoso com seus filhos?

_Com você é diferente. Para mim é um anjo perdido do céu. (p.74)

Por não resistir à beleza da moça, o doutor

refere-se a ela como uma tentação em que é impossível não desejá-la.

_Só peço da vida é ficar junto de você. Contemplando esse queixinho mais... mais... Como é que pode se dominar? É demais tentação para mim. Eu, se fosse bonitinha feito você, ficava me admirando diante do espelho. Ficava nua e me beijava por todo o corpo (p.74).

A noção de anjo atrelada a uma certa dose de ingenuidade vai se perdendo ao longo da narrativa;

_Eu adoro você, anjo. Tenho vontade de fazer não sei o quê.

_Faça tudo meu bem. Faça tudo.

_Sua cadela mais querida. Você é a minha perdição, anjo. (p.81)

No final dos contos, todas as personagens femininas se revelam no controle da situação. Elas sabiam o que precisavam fazer para atingir o objetivo. Dalton Trevisan revela dois jogos de poder: o uso do poder para se ter o erotismo (o que acontece com os homens nas narrativas) e o uso do erotismo para se chegar ao poder (o que acontece com as mulheres).

Considerando o objeto de enfoque do erotismo, cujo estudo trata dos momentos sensuais que presidem a intimidade entre os sexos, presencia-se nos contos expressões que denotam esses momentos. Em “Anjo da Perdição” encontramos “carinha mais linda” (p. 73), “escrava da luxúria” (p. 73), “anjo perdido do céu” (p. 74). Em “Mocinha de Luto”: “Bonitinha como é” (p.25), “é muito engraçadinha” (p. 25), “Pernas, por exemplo, tem que é uma beleza” (p. 26), “Moça radiosa de graça” (p.27); e também em “Cafezinho com Sonho”, “A senhora tem corpo de menina” (p. 125).

Percebe-se também nesse jogo erótico um prolongamento efetivado por longas conversas entre as personagens, chegando-se finalmente a consumação da conquista. Observa-se claramente

isso através de expressões que mostram, gradativamente, como o jogo da sedução e da conversa para se convencer a mulher a ponto de ela entregar-se ao conquistador.

Outro fator observado nesses contos é a busca contínua pelo prazer, principalmente, por parte do homem, visto que o erotismo masculino é ativado simplesmente pela beleza física, pelo fascínio, pela capacidade de sedução da mulher; pressupondo uma ausência de preocupações com a pessoa com a qual se está relacionando.

Lucia Castello Branco (1987), ao considerar os momentos de prazer proporcionados pelos materiais pornográficos, constata uma elevada carga de valores transmitida por estes livros. Dessa forma acredita ser necessário observar nesses textos o domínio e a superioridade masculina para gozar com a mocinha submissa, que de uma forma ou de outra é sempre obrigada a ceder, tendo em vista a situação de desigualdade social numa relação entre patrão e empregada. Logo, torna-se fundamental crer na preservação do casamento burguês, já que essas ousadias só aconteciam fora de casa, constituindo-se como estratégias para manter o matrimônio tornando-o menos monótono.

Com uma representação sutil de uma nova mulher – a que esta no controle, Dalton Trevisan começa a desmistificar a dona-de-casa passiva e permissiva. Mostra mulheres que cientes do poder que tem e exercem. Também revela que a mulher conhece a vulnerabilidade do homem e este aparece agora “caindo” na armadilha criada por quem agora está no controle.

Com relação à atuação do poder, observa-se sua aplicação em todas as situações em que haja relações humanas. De forma que, ao estudar como ele é exercido em determinado contexto, não se pode perder de vista as relações entre as unidades de controle - C e resposta - R, nas diversas circunstâncias atuantes. Assim, as unidades de

resposta – R referem-se à pessoa controlada pela atuação do controlador, ou seja, aquele indivíduo pertencente a unidade de controle – C. O emprego desse esquema ocorre em qualquer atividade humana desde que haja dois participantes. Isso pode ser observado nos contos aqui destinados à análise, de modo que eles apresentam apenas dois personagens, os quais constituem toda a ação e que o controlador centra-se na figura masculina – o doutor – o qual exerce seu poder e sua sedução com o pretexto de obter a resposta esperada por parte da personagem controlada, a personagem feminina. Salienta-se ainda que os participantes desses dois binômios E-R (relações eróticas) e C-R (relações de poder) necessitam-se mutuamente, de forma que: “O agente do discurso erótico espera a resposta ao seu apelo, assim como do discurso do poder aguarda, por sua vez, a obediência à sua ordem. Captada, decodificada e remetida à mensagem satisfatoriamente, estabelece-se à relação” (FRANCONI, 1997, p. 28).

Analisando o modo como os discursos de erotismo e poder se articulam na ficção, Rodolfo Franconi ressalta que o “individual” e o “social” interagem-se no que cada um tem de mais específico, levando-se a introduzir nessa análise, os conceitos de perversão e transgressão. Considerando que é por meio da trama e das personagens que se verifica essa articulação. Entende-se perversão, como um ato corrupto, uma alteração mais ligada ao conceito de certo e errado, segundo sua natureza ética. “Perverter, pois, é seguir um caminho impróprio, corromper ou distorcer o que o consenso tem como certo” (1997, p. 30). Ao passo que a transgressão é o efeito de infringir, desobedecer uma lei ou ordem que pode ser passível de jurisdição. De modo que não se expõe à punição, atuando no campo dos implícitos. Entretanto, a perversão na relação erotismo e poder manifesta-se com mais evidência, lidando com explícitos. “Poder e erotismo não

estão necessariamente vinculados um ao outro na transgressão; contudo, tanto o erotismo encontra formas de desviar-se das ‘normas’ como o poder de infiltrar-se no âmago das relações eróticas, movimentos esses que nem sempre são fáceis de serem detectados” (FRANCONI, 1997, p. 33).

Com relação aos contos analisados, pode-se identificar como um ato perverso, as práticas sexuais que aparecem com frequência nesses textos literários, onde a infidelidade e a traição remontam grande parte das narrativas. O adultério também pode ser visto nesses contos, de forma que é tido como uma infração à sexualidade lícita outorgada pelo casamento, situando-se no campo da transgressão. Talvez esses fatores fazem-se presentes, devido a certa insatisfação nas relações amorosas e no casamento, gerando situações de perversão e até de transgressão, sendo o adultério a mais comum, considerando que essa infidelidade conjugal é permeada por um grande número de caracteres.

Considerações finais

Como é observável nos contos que foram analisados, Dalton Trevisan, além de narrar episódios de prazer, também sexualizou a linguagem usando um palavreado erótico, a fim de causar o prazer lingüístico. A mulher, componente de fragilidade e submissão, é vista nessas narrativas como aquela que é seduzida pela falsa manipulação do homem, entretanto ela age através de seu corpo, “moeda” de controle feminino, insinuando-se silenciosamente despertando o desejo e a excitação masculina.

Entre os contistas e romancistas da atualidade podemos citar que é em Dalton Trevisan que verificamos ressonâncias dos escritores da geração de 45, que se ocupavam em retratar os conflitos do homem em sociedade, tendo como horizonte provocar uma contínua reflexão sobre

a vida moderna. O contista paranaense usou uma linguagem sintética e concisa, valorizando os incidentes do cotidiano sofrido e angustiante. Dizer o máximo com o mínimo de palavras parece ser o seu objetivo, de forma que o exercício da sua criação é sempre guiado pela força do enxugamento.

Em seus contos, Dalton prova que a construção por mais sucinta que seja, produz uma fórmula cada vez mais instigante de criação. Mostra pela ótica da síntese os problemas das relações humanas, os demônios que povoam as famílias, os fatos escondidos de uma sociedade liberal, mostrada por meio desse formato minimalista, cruel e bem elaborado.

Percebem-se, em muitas de suas obras, reflexos do erotismo expresso por meio de seus personagens sarcásticos. “Confinados a um horizonte restrito – o beco, a casa, a cama – estagnados na materialidade das coisas domésticas, nauseados do cotidiano, os personagens de Dalton Trevisan deterioram-se no tempo” (COUTINHO, A.; COUTINHO, F. E.; 2001 p.575). Denuncia através de imagens trágicas, cômicas e líricas, a vida popular colhida na rua, usando da ironia como forma de satirizar. Essa característica pode ser vista nos próprios títulos de seus contos, por exemplo: “Grávida, porém virgem”, “Tentações de uma pobre senhora”, “Agonias de virgem”.

Alguns críticos tendem a afirmar que a produção literária de Dalton Trevisan é uma exaltação ao poder do macho, mas nas entrelinhas é possível se perceber o poder da nova mulher que subverte a norma para o seu próprio prazer. No entanto, mesmo essas mulheres representam um grande vazio existencial, estando sempre à procura de algo que as complete.

Referências

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. Tradução de Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BRANCO, Lucia Castello. **O que é Erotismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e crítica**. – 10 ed. rev. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo Faria de. **A literatura no Brasil**. – 6 ed.rev. e atual – São Paulo: Global, 2001.

COUTINHO, Edilberto. **Erotismo na Literatura Brasileira**. São Paulo: Edibolso, 1978.

DURIGAN, Jesus Antônio, 1946. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

FRANCONI, Rodolfo A. **Erotismo e poder na ficção Brasileira contemporânea**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SIMON, Luiz Carlos Santos. “Ficção Obscena, Obscenidade Fictícia: A obra de Sérgio Sant’anna”. In: **Terra roxa e outras terras**-Revista de Estudos Literários. V.01, 2002. (p. 03- 14)

TREVISAN, Dalton. **Desastres do Amor: contos**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. **A Guerra Conjugal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

Artigo enviado em: 25/08/2010

Aceite em: 05/09/2010